

Atenção Psicológica em Situações Extremas: Compreendendo a Experiência de Psicólogos

Ticiania Paiva Vasconcelos

Vera Engler Cury

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, Brasil. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, Brasil.

Resumo: O artigo baseia-se numa tese de doutorado que investigou a experiência de psicólogos que atuaram em situações extremas nas quais se incluem desastres ambientais, acidentes aéreos e conflitos armados. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa exploratória de inspiração fenomenológica. A pesquisadora realizou encontros individuais com nove psicólogos. Como estratégia para a análise dos encontros foram elaboradas narrativas que desvelaram os significados da experiência dos participantes e possibilitaram apontar elementos em relação ao fenômeno estudado: a) conviver com o risco torna-se parte inerente a esse tipo de prática profissional; b) pertencer a uma organização humanitária é vital para a atuação; c) a atenção psicológica desenvolve-se em sintonia com as especificidades e demandas da situação, constituindo-se a partir de atitudes de empatia e aceitação às pessoas vitimadas, assim como de autenticidade em relação ao próprio psicólogo; d) a prática em situações extremas constitui campo fértil e peculiar de aprendizagem; e) os psicólogos revelaram sentimentos de autorrealização e gratificação em decorrência de sua participação e o desejo por continuar atuando naqueles contextos. O sentido da prática psicológica em situações extremas corresponde a um gesto humano de lançar-se em direção ao outro tendo como missão o cuidar.

Palavras-chave: Intervenção Psicológica, Fenomenologia, Atuação do Psicólogo.

Psychological Care in Extreme Situations: Understanding the Psychologists Experience

Abstract: This paper derives from a doctoral dissertation that investigated the experience of psychologists who have worked in extreme situations, such as environmental disasters, plane crashes and armed conflicts. It is an exploratory qualitative research of phenomenological inspiration. The researcher had individual encounters with nine psychologists. As a strategy for the analysis of these encounters, narratives were elaborated, unveiling the meanings of the participant's experience pointing to elements related to the studied phenomenon: a) living with risks becomes an inherent part of this professional practice; b) belonging to a humanitarian organization is vital to the psychologists practice; c) psychological care develops in harmony with the specificities and demands of the situation, developing from attitudes of empathy and acceptance, as well as from the authenticity of the psychologist himself; d) working in extreme situations is a fertile and peculiar opportunity of learning; e) psychologists revealed feelings of self-realization and gratitude as a result of participating in these situations, and a desire to remain in these contexts. The meaning of the psychological practice in extreme situations mirrors a human gesture of casting oneself in the direction of others with the mission of caring for them.

Keywords: Psychological Intervention, Phenomenology, Psychologist Practice.

Atención Psicológica en Situaciones Extremas: Comprendiendo la Experiencia de Psicólogos

Resumen: Este artículo se basa en una tesis doctoral que investiga la experiencia de psicólogos que actuaron en situaciones extremas, incluyendo desastres ambientales, accidentes aéreos y conflictos armados. Para tal, se desarrolló una investigación cualitativa exploratoria de inspiración fenomenológica. El investigador logró encuentros individuales con nueve psicólogos. Como estrategia para el análisis de los encuentros, se elaboraron narrativas que revelaron elementos de la experiencia de los participantes, apuntando elementos de naturaleza interpretativa en relación con el fenómeno estudiado: a) convivir con el riesgo se torna parte inherente de ese tipo de ejercicio profesional; b) pertenecer a una organización humanitaria es vital para la intervención c) la atención psicológica se desarrolla en sintonía con las especificidades y demandas de la situación, constituyéndose a partir de actitudes de empatía y aceptación de las personas, así como de autenticidad en relación en el propio psicólogo; d) la práctica de la psicología en situaciones extremas es fértil y un peculiar ámbito de aprendizaje; e) los psicólogos revelaron sentimientos de autorrealización y gratificación como consecuencia de su participación, y el deseo de seguir trabajando en esos contextos. El sentido de la práctica psicológica en situaciones extremas corresponde a un gesto humano de conectarse con el otro, con la misión de cuidar.

Palabras clave: Intervención Psicológica, Fenomenología, Actuación del Psicólogo.

Introdução

Os desafios impostos à Psicologia como ciência e profissão descortinam um processo complexo pautado na busca por respostas que possibilitem a constituição de novas práticas apropriadas ao surgimento de contextos humanos que emergem de situações bastante diferentes. Essas podem incluir sofrimento humano intenso que requer cuidado imediato, fato que tem sido impulsionador de modos originais e peculiares de intervenção psicológica ao longo de história.

Neste estudo buscou-se compreender a experiência de psicólogos que atuaram em situações as mais diversas, como desastres ambientais, acidentes aéreos, conflitos armados e epidemias.

Segundo apontam alguns autores (Alves, Lacerda, & Legal, 2012; Vogel, & Vera-Villaroel, 2010), o período atual caracteriza-se por uma demanda explícita e implícita por serviços psicológicos, seja à comunidade afetada, seja às próprias equipes de socorro, fato este que, segundo autores, continuará aumentando em médio prazo. Nesse cenário, emerge a necessidade de indicadores que norteiem a atuação do psicólogo e colaborem para a sedimentação e a compreensão da atenção psicológica desenvolvida. Não há, até o momento, estudos que considerem de maneira específica a experiência vivida por psicólogos que atuaram

nessas situações. Conforme afirma Kling (2002), em um desastre “a tragédia tem contornos muito maiores do que se pode vivenciar na vida cotidiana, até mesmo para um profissional da psicologia” (p. 211, tradução livre). Justifica-se, portanto, a necessidade de maior compreensão e de submeter a prática à consistente investigação científica (Alves et al., 2012).

Esta pesquisa possibilitou tomar contato, a partir da experiência relatada pelos participantes, com cenários ainda pouco familiares ao fazer psicológico, quais sejam, situações que se constituem após a ocorrência de desastres ambientais, como enchentes, furacões, terremotos, ou pela destruição em massa provocada por conflitos armados — guerras e pós-guerras —, ou por epidemias, e que vão requerer atenção psicológica às pessoas vitimadas e/ou às equipes humanitárias de socorro.

Quando se trata de definir termos inerentes a tais contextos, depara-se com a ausência de consenso, como aponta Quarantelli (1998). A pluralidade de concepções é percebida, por exemplo, no material disponibilizado para treinamentos pela agência norte-americana *Federal Emergency Management Agency* (2012), no qual são listadas 48 definições de desastre. Na literatura atual, as definições vão desde uma abordagem mais tradicional que enfoca somente o risco e o dano físico,

até uma abordagem mais complexa e multidimensional que inclui também os aspectos psicológicos (Coêlho, 2011; Quarantelli, 1998).

A denominação “desastre” é atribuída a uma situação inesperada que causa dano ou prejuízo à vida humana (Alves et al., 2012). É um acontecimento que pode englobar uma diversidade de fenômenos com características e implicações distintas. Para Bowman e Roysircar (2011), a definição de desastre alicerça-se nos seguintes elementos: situações potencialmente traumáticas, experimentadas coletivamente com início inesperado e delimitadas no tempo, embora as consequências possam ser sentidas a longo prazo (Yurzenka, & Naifeh, 2008). Contudo, esta definição não inclui situações que não foram desencadeadas de forma abrupta, como secas e conflitos armados, por exemplo, e que geram sofrimento e destruturação nas comunidades afetadas (Favero, Sarriera, & Trindade, 2014).

Há ainda uma tendência, nos estudos da área, em agrupar indiscriminadamente uma multiplicidade de ocorrências em torno do termo “emergência” (Ritchie, Watson, & Friedman, 2006; Ruzek, Brymer, Jacobs, Vernberg, & Watson, 2007; Thormar et al., 2010; Weintraub, 2011; Witteveen et al., 2012). Considera-se como emergência o acontecer de uma situação grave, de ocorrência súbita, que resulta em consequências para aqueles sobre quem incide o evento (Weintraub, 2011). Como em relação a definição de desastre, uma emergência caracteriza-se por ser inesperada, sendo frequente que os danos superem a capacidade local de enfrentamento, havendo, portanto, a necessidade de ajuda externa (Thormar et al., 2010).

Corroborando esta delimitação, Weintraub (2011) problematiza a atuação de psicólogos em ações humanitárias e discorre sobre a pertinência de se incluir como emergência o conjunto de ações efetivadas em situações de epidemias. Justifica apontando que, também nesses casos, faz-se premente a prestação de cuidados às pessoas afetadas por equipes humanitárias externas.

Destarte, constatou-se uma tendência de diversos autores no sentido de abordar as ações empreendidas pelas equipes de ajuda humanitária em contextos díspares de forma similar, sob a égide de um “imprevisto que requer cuidado imediato”. Como discutem Favero et al. (2014), os termos são apenas úteis com um conceito síntese, ou seja, reúne e delinea os elementos característicos relacionados ao fenômeno e dando-os uma “etiqueta” comum.

Em estudo sobre psicólogos militares (Johnson, Sullivan, Bongar, Miller, & Sammons, 2011), para tanto, cunharam a expressão *psychology in extremis* ao se referirem à atenção psicológica que se efetiva em contextos nos quais há grande risco aos próprios profissionais, com persistente ameaça em termos de segurança e bem-estar destes. Assim, nesta pesquisa achamos pertinente utilizar o termo *situações extremas*, a fim de preservar a multiplicidade de situações vivenciadas pelos psicólogos.

Situações extremas são aquelas nas quais há a manifestação inesperada e/ou grave nos rumos das pessoas afetadas. É o campo da atenção psicológica que se efetiva sob elevado risco pessoal aos próprios profissionais, em função da desestruturação do contexto em vários níveis, acompanhada de persistente ameaça em termos de segurança e bem-estar a todos, vítimas e equipes de ajuda (Johnson, et al., 2011).

A intervenção em situações extremas não é inédita para os psicólogos. Estudiosos (Everly Jr, Hamilton, Tyiska, & Eilers, 2008) apontam que ocorre a participação desses profissionais desde a década de 1980, contudo somente na última década a Psicologia tornou-se uma força cativa e não facultativa (McGuinness et al., 2008; Watson, Brymer, & Bonanno, 2011) nas equipes de intervenção pós-desastre.

De acordo com diversos autores (Alves et al., 2012; Marín & López-López, 2010), há escassez de investigação científica em relação à temática. Embora a prática psicológica esteja em ascendente crescimento, ainda são incipientes as proposições teóricas. Portanto, é oportuno assinalar a pertinência de aprofundada e constante investigação a fim de descortinar os desafios e fundamentar futuras ações em situações extremas (Figueira, 2004; Krum, 2007; Saakvitne, 2006; Silva et al., 2013).

Método

A investigação caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa exploratória de inspiração fenomenológica husserliana. O objetivo foi compreender a experiência de psicólogos que efetivaram alguma forma de atenção psicológica em situações extremas.

Define-se experiência como aquilo que toca, afeta, transforma; é o sentido que perpassa a pessoa e não apenas um mero acúmulo de conhecimentos advindos da prática (Amatuzzi, 2007). Contudo, o desvelamento da experiência, ou seja, a apreensão fenomenológica daquilo que é significado, não é naturalmente explicitado no discurso literal do sujeito. Por meio do encon-

tro entre pesquisador e participante, elementos subjacentes à experiência do psicólogo podem emergir e ser atualizados em novos significados, fomentando a possibilidade da pessoa apropriar-se de sua experiência ao comunicar aspectos do que foi vivido.

A pesquisadora realizou encontros individuais com nove psicólogos brasileiros no período de abril a setembro de 2013. O critério de inclusão consistiu em escolher aqueles que tivessem participado de pelo menos uma ocorrência extrema, como as descritas anteriormente. Os possíveis participantes foram contatados a partir de uma consulta à lista de endereços eletrônicos disponibilizada pela Associação Brasileira de Psicologia nas Emergências e Desastres (Abrapede) e, também, por indicação de outros profissionais da área. Os encontros ocorreram em locais indicados pelos participantes tais como consultórios, instituições de ajuda humanitária e universidades. Houve dois encontros não presenciais, via internet, em função das pessoas estarem em localidades inacessíveis presencialmente. Não havia tema ou pergunta previamente definidos pela pesquisadora, pois objetivou-se fomentar a livre expressão durante o encontro dialógico. A duração de cada encontro foi de aproximadamente uma hora, embora não houvesse determinação prévia a este respeito. Dos nove participantes, três eram homens e seis mulheres, com idades entre 30 e 55 anos.

Como estratégia metodológica foram construídas narrativas logo após cada encontro individual com os participantes. A pesquisadora construiu um texto no qual registrou elementos reveladores do encontro intersubjetivo. Portanto, a narrativa correspondeu a um registro da experiência da pesquisadora após ter estado com cada um dos participantes. Nesse tipo de estudo não há como dissociar o apreendido pelo pesquisador dos significados vividos pelo participante, pois ambos estão implicados numa relação pautada pela intencionalidade de consciências que se debruçam sobre algo que lhes instiga.

Concluída a fase de elaboração das narrativas, foi preparada uma narrativa-síntese de caráter interpretativo contendo os elementos mais significativos da experiência vivida por todos os participantes a partir da compreensão da pesquisadora ao ser afetada pelos encontros. A narrativa-síntese comportou elementos essenciais da experiência decorrente de um processo de aprofundamento da compreensão da pesquisadora que foi sendo consolidada à medida que as narrativas individuais eram finalizadas. Este processo possibilitou apontar um sentido para o fenômeno em foco.

Quadro

Descritivo dos participantes da pesquisa.

Participante	Idade	Situação/Local de atuação
1. Lino	35 anos	Enchente/PE, Brasil
2. Aurélio	45 anos	Terremoto/Nordeste do Brasil
3. Janete	50 anos	Terremoto/Haiti
4. Bento	40 anos	Enchente/SC, Brasil
5. Sofia	35 anos	Acidente aéreo/SP, Brasil
6. Iara	50 anos	Enchente/RJ/Brasil
7. Lourdes	35 anos	HIV/Congo; Terremoto/Haiti; Enchente/SC, Brasil
8. Elvira	40 anos	Acidente aéreo/SP, Brasil
9. Clarice	32 anos	Conflitos armados/ Palestina e Chechênia

Dados sobre os participantes da pesquisa, representados por pseudônimos, idades aproximadas e os locais onde atuaram são apresentados no Quadro.

A fim de ilustrar o presente artigo, reproduziremos um trecho da narrativa intitulada “Um pouco de humanidade” que desvela a experiência de Lino apreendida no encontro com a pesquisadora.

Manhã de outubro, desloquei-me até uma pequena cidade do interior paulistano. O jovem psicólogo Lino, integrante de uma organização mundial de assistência humanitária, aguardava-me em seu amplo e confortável consultório. Inicialmente, quis saber de onde eu vinha e sobre meus estudos. Apresentei-lhe o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e brevemente o respondia. Enquanto me ouvia, cuidadosamente, ele desviava o olhar para ler o termo que lhe entregara.

“Situações extremas... Gostei do termo! É isso... (pensativo). Isso corresponde mais ao trabalho que fiz na África com portadores de HIV, pois não era um desastre. Não da forma como normalmente concebemos, mas sim, de uma situação extrema!”, disse empolgado.

Lino apontou a pertinência do termo e revelou sua primeira atuação pela organização humanitária. Fiquei curiosa, pois conhecia somente sobre sua missão em 2010 na inundação em Alagoas.

Sem pormenores, Lino contou sobre seu trabalho psicoeducativo com portadores de HIV/Aids. Por meio de atividades em grupo e de aconselhamento individual, as intervenções buscavam a superação das dificuldades dos pacientes soropositivos, fomentando a adesão ao tratamento e aos cuidados necessários.

Seu semblante tranquilo era transformado por uma atmosfera de entusiasmo em sua fala e gestos. Contou que desde o dia em que assistiu a uma palestra na graduação tinha o sonho de participar de missões humanitárias. Enumerou muitas ações desenvolvidas pela organização ao redor do mundo e, de forma efusiva, as difíceis situações enfrentadas pelos profissionais. O brilho no olhar denunciava o orgulho e a paixão pelas atividades da organização.

Questionado sobre o porquê da escolha dessa organização específica, foi enfático: “Eles possuem uma inestimável experiência, de mais de 30 anos; são independentes e têm dinheiro. Isso te passa confiança. Há muitos protocolos que norteiam a ação, há treinamentos. Contudo eles te permitem inovar, criar e atuar com liberdade. Eles te deixam seguro”.

A inundação ocorrida em 2010 no interior de Alagoas e Pernambuco teve a pronta resposta da organização. Logo nos primeiros dias do rompimento da barragem, equipes já tinham avaliado as necessidades mais urgentes da população, dentre elas o cuidado em saúde mental.

Lino estava no exterior quando soube da tragédia. Em poucas semanas já estava no Nordeste. Lia e relia tudo sobre intervenções em enchentes e inundações, a fim de se sentir mais bem preparado.

Ao chegar a Alagoas, foi apresentado aos psicólogos voluntários da região, selecionados pela primeira equipe que esteve no local. Lino promoveu um breve treinamento e foi o responsável por montar

as frentes de atuação. Posteriormente, realizaria o desenvolvimento das atividades e a supervisão.

Questionado sobre a dificuldade em preparar psicólogos para esse tipo de ocorrência, Lino assegurou: “é uma escuta eminentemente clínica. Então os psicólogos que possuem uma vivência anterior na clínica são os que mais têm facilidades na escuta, em se aproximar do sofrimento do outro, em compartilhar a dor. No decorrer das semanas, tive de abdicar de duas pessoas que não estavam conseguindo ajudar. Eram recém-formadas, um pouco imaturas. Faziam aquele papel mais de amigo, envolvendo-se emocionalmente”.

A realidade era caótica. Faltava comida, água potável, roupas e materiais de higiene pessoal. Cidades inteiras completamente devastadas. Abrigos precários. Famílias amontoadas em cubículos divididos por lençóis e lonas, descreveu Lino. A rotina das pessoas atingidas fora completamente afetada. Tudo faltava: privacidade, higiene, segurança, casa, trabalho, escola. Pessoas vivendo com desconhecidos, sem notícias de parentes nem previsão de mudança. Sujeitas a violência, a doenças contagiosas, e havia as que “se queixavam de ansiedade, depressão, insônia e ideias suicidas”, rememorou Lino.

“Montamos tendas de pronto atendimento que funcionavam por turnos e também promovemos grupos em locais e horários pré-determinados. O primeiro passo era divulgar o novo serviço às pessoas. Em seguida, conversar com a liderança dos abrigos sobre quem eles identificariam como demandando atenção psicológica mais urgente”. Nesse cenário, Lino e equipe se mantinham em prontidão para quem quisesse conversar. A figura do psicólogo não fazia parte do cotidiano daquela população. Por isso, inicialmente emergiu o estereótipo de que psicólogo era para “louco”. Lino, serenamente, contou que com o tempo as pessoas foram se sentindo mais à vontade, aceitas e passaram a compreender como eles poderiam ajudar.

As dificuldades eram tamanhas. Havia uma atmosfera de dor, sujeira, miséria e descaso. Promessas não cumpridas, exploração da mídia. Lino relatou que pessoas tinham muito medo de

não encontrar o ente desaparecido, de não ter mais emprego ou casa. Muitos demonstravam revolta com as autoridades públicas.

Após seis semanas de atuação, a equipe realizou mais de 500 atendimentos. Cerca de 300 pessoas receberam atenção direta. Lino pôde colher depoimentos significativos, demonstrando a efetividade do trabalho. “Hoje sinto que a esfera emergencial em Psicologia foi satisfatoriamente suprida”, concluiu.

Com o passar das semanas de atendimento, à medida que as escutas eram feitas, muitos psicólogos se questionaram em relação a um fato dito atípico. Lino revelou que as pessoas atendidas muito rapidamente não se referiam mais ao desastre, não levavam mais queixas em relação à enchente. A demanda que emergia era sobre situações anteriores, questões familiares e dificuldades pessoais. O que se percebia era que as pessoas voltavam rapidamente à rotina. Mesmo num contexto de abrigo, retomavam a rotina das questões familiares, das dificuldades da vida.

Nesse momento, a equipe começou a se indagar se era papel seu trabalhar tais demandas. Onde estavam as consequências do desastre, o luto, o trauma nos sobreviventes?

Lino revelou ter sido um desafio abster-se de suas pré-concepções e desenvolver uma postura mais aberta ao outro, às demandas que emergiam. Precisávamos estar disponíveis para acolher o que viesse. Mas era bem complicado, pois esse povo, essa gente tem experiências de vida muito diferentes da minha. Por exemplo, o que é sofrimento para mim não é para eles. Uma situação de dificuldade de subsistência, de não ter o básico para viver, por exemplo, é o cotidiano deles, é o que rotineiramente eles enfrentam no dia a dia. E esse dia a dia, não é algo que os imobiliza, que os dilacera, como seria para mim.

Sensível ao sofrimento do outro e às peculiaridades culturais, Lino se diz mais aberto a perceber o outro depois da missão. E, visivelmente emocionado, relata os ganhos pessoais e profissionais como participante da missão: Hoje eu sou

um psicólogo mais sensível. Eu sempre digo que fui quem mais se beneficiou com esse trabalho, em crescimento pessoal e profissional. Eu me sinto quase um devedor, sabe? Isso por tudo que a organização investiu em mim, no meu crescimento enquanto psicólogo. Eu sinto que não pude retribuir. Precisava de mais missões para retribuir a eles.

Há alguns anos, Lino decidiu não mais participar de ações humanitárias. Casado com uma médica da organização e tendo um filho pequeno, decidiu “criar raízes”. “Meu filho tem poucos meses de vida... Isso fez com que parássemos com as missões. Precisávamos criar raízes. (silêncio) Ser sem raízes é fácil! Ficar pelo mundo de missão em missão, de país em país é fácil, é maravilhoso! Você vê seu trabalho ser efetivo, interferindo na vida das pessoas de forma imediata. O difícil é parar”.

Orgulho, autossatisfação e completude definem sua relação com esse tipo de trabalho. Mas, talvez percebendo sua empolgação e para fugir de uma conotação heroica, Lino esclareceu: “Qualquer um, com um pouco de humanidade, se encontra neste trabalho”. “Qualquer um?”, indaguei com estranhamento. “Sim, qualquer um. Não é um desafio... só precisa de um pouco de humanidade”, repetiu.

Agradeceu a oportunidade de falar e lembrar a missão. “Já faz três anos... este ano eu ainda não tinha tido a oportunidade de falar sobre”, apontou pensativo.

Com um sorriso discreto, transbordava um sentimento saudoso: “Só em casa”, ponderou. “Eu e minha esposa diariamente fazemos comentários, recordamos alguma situação ou alguma pessoa”. Revelava a cumplicidade que os preenche de significativas lembranças.

Resultados e discussão

Ao longo dos encontros foi possível compreender a experiência de psicólogos que atuaram em situações atravessadas por perdas, mortes, incertezas, desestruturação e medo. Os relatos, muitas vezes interrompidos por expressões de emoção por parte dos participantes,

revelaram como eles foram afetados e construíram um modo próprio de exercer a intervenção psicológica.

Esta pesquisa trouxe a oportunidade de adentrar um cenário pouco familiar ao fazer psicológico. Nos encontros com os psicólogos, ficaram evidentes as especificidades de cada situação narrada: desastres ambientais (como inundações e terremotos), acidentes aéreos, zonas de conflito e localidades devastadas por epidemias. Uma diferenciação entre as diversas situações emergiu a partir da compreensão sobre os significados das experiências que se revelaram distintas sob duas perspectivas: situações abruptas e situações crônicas.

Compreende-se como abrupta a situação deflagrada de forma inesperada. É uma ocorrência episódica e, em certo grau, imprevista. No entanto, há de se fazer uma ressalva quanto à imprevisibilidade, pois há situações nas quais há certo grau de previsibilidade, compreendida por Coêlho (2011) e Spink (2014) na relação entre risco e vulnerabilidade. O risco pode ser considerado como possibilidade de ocorrência ou ameaça do evento (geofísico), enquanto vulnerabilidade seria a exposição das pessoas e como estas significam suas perdas (Dupuy, 2006). São exemplos de tais situações aquelas advindas da ação da natureza conforme descritas por Lino, Aurélio, Iara e Bento; e os acidentes aéreos trazidos por Elvira e Sofia.

Situações crônicas são aquelas estabelecidas pelo prolongamento temporal de uma situação crítica, como conflitos armados, guerras, epidemias ou no desdobramento de problemas decorrentes de desastres ambientais. Há carência de muitas ordens compondo o cotidiano das pessoas envolvidas, ou seja, há o que os psicólogos identificam como “naturalização” ou “banalização” da situação. A atmosfera nesses contextos caracteriza-se como uma situação-limite permanente e grave e que carece de intervenção imediata (Weintraub, 2011). Alguns participantes como Clarice e Janete retrataram a realidade cronificada em países como Palestina, Chechênia e Haiti. Já Lourdes narrou experiências vividas tanto em situações abruptas quanto crônicas.

A seguir são apresentados cinco elementos significativos que emergiram da experiência vivida pelos participantes deste estudo e que foram dialogicamente compartilhados com a pesquisadora:

a) Conviver com o risco torna-se parte inerente a esse tipo de prática profissional

No desvelar dos encontros, foi possível constatar um elemento importante presente tanto nas situações

abruptas quanto nas crônicas: a exposição a altos níveis de adversidade e risco. Trata-se de sobreviver e atuar em um território perpassado por uma trama de fios lesivos. Recai sobre os psicólogos a constante ameaça da possibilidade de danos físicos e morais, bem como daqueles relacionados à preservação da própria vida.

A situação extrema, portanto, é um compêndio de riscos prováveis e inesperados. Os psicólogos participantes descreveram alguns elementos que potencializam a vulnerabilidade das pessoas. Por exemplo, em alguns contextos crônicos, convive-se com a iminência de um ataque de grupos armados, bombardeios, estupros e sequestros. As estruturas que deveriam garantir a convivência social estão esgarçadas. Já nas situações abruptas, diante do desarranjo da forma de viver de toda uma comunidade, acentua-se a percepção de imprevisibilidade da vida. Lida-se com a luta pela sobrevivência, a precariedade dos meios de subsistência e com o desalojamento psicológico das pessoas afetadas diante do inesperado e do caos. A experiência do risco potencial provoca sentimentos de desespero e insegurança.

O psicólogo vivencia, portanto, o mesmo ambiente disruptivo marcado por desespero e desamparo, no qual as vítimas se debatem, provocando um inevitável encontro com a imprevisibilidade, a incerteza e o desalojamento, como afirma Noal (2014). Este cenário não se constitui como pano de fundo, mas sim como o ponto de partida a partir do qual é estruturada a intervenção.

Sem dúvida, a emergência do imprevisível, da incerteza e do risco estão sempre presentes no dia a dia do fazer psicológico e podem, até certo ponto, instrumentalizar o profissional para atuar em situações extremas. A postura de abertura imprescindível no contexto da clínica psicológica decorre da constatação de ser aquele o lugar do não saber, da ausência de segurança (O'Hara, 1983) e, paradoxalmente, da possibilidade de emergência de novos significados e da reestruturação psicológica da pessoa.

Contudo, em situações pautadas por perdas abruptas e intensas (Noal, 2014), parece existir uma lente que amplia e concentra as adversidades, potencializando riscos e dificultando a atenção psicológica. Em tais situações, é na ruptura com o que é familiar que deve alicerçar-se a atenção psicológica. Conforme aconselharam os psicólogos (Akin-Little & Little, 2008; Rosser, 2008) que atuaram no Furacão Katrina, “espere pelo inesperado e seja flexível” (Haskett, Scott, Nears, & Grimmer, 2008, p. 98).

b) Pertencer a uma organização humanitária é vital para a atuação.

Diante da exposição ao risco iminente e das demandas por cuidados plurais e integrados, a ajuda volta-se às pessoas afetadas diretamente e também àquelas atingidas indiretamente, o que inclui o próprio psicólogo. Assim, torna-se imprescindível adotar procedimentos voltados ao cuidado consigo de forma a possibilitar a continuidade da prática psicológica (Noal, 2014).

A esse respeito, os participantes apontaram a necessidade de que a intervenção seja coordenada por uma organização. Minimiza a exigência de tomada de decisão individual por parte do psicólogo e estabelece uma relação de suporte e cuidado da direção da organização em relação à equipe. As organizações de ajuda humanitária exercem funções vitais na coordenação das ações, no recrutamento, treinamento e suporte às equipes.

Franco (2005) assinala que os profissionais que gerenciam equipes que se preparam para entrar em ação, concentram esforços no desenvolvimento de habilidades “para uma atuação eficiente, com risco controlado” (p. 177). Conclui-se que, diante das diversas intercorrências e adversidades a que os psicólogos estão expostos, as organizações oferecem um espaço de repesamento ao risco face à periculosidade da situação. Possibilitam ao psicólogo um refúgio que serve de amparo e proteção, primando por sua segurança e cercando-o de recomendações e cuidados.

As organizações especializaram-se na configuração do socorro e da sobrevivência, reconhecendo a vulnerabilidade em que se encontram os profissionais e fomentando um conjunto de medidas, como o treinamento constante, a proposição de diretrizes para a ação e o processo de supervisão. O treinamento constante corresponde a uma tentativa de formação para desenvolver profissionais mais preparados. As organizações oferecem cursos e materiais específicos que poderão ser úteis na missão.

Há ainda um conjunto de medidas impostas pelas organizações a respeito do cuidado diante dos potenciais riscos. Nas situações crônicas, duas participantes, Janete e Clarice, revelaram que ocorre o que denominaram de “dinâmica militar”, com horários, rotinas e ações sendo rigorosamente estabelecidos e controlados. Segundo elas, é difícil aceitar submeter-se a tantas restrições.

c) A atenção psicológica desenvolve-se em sintonia com as especificidades e demandas da situação, constituindo-se a partir de atitudes de empatia e aceitação em relação às pessoas vitimadas, assim como de autenticidade em relação ao próprio psicólogo.

Os participantes revelaram que, ao se verem diante dos desafios e riscos que atravessam a prática, sentem necessidade de estruturar de alguma forma a atenção psicológica. Isto é descrito por eles como o estabelecimento do *setting* terapêutico. Corresponde a uma estratégia que acompanha as demandas que surgem da situação. Há necessidade de estruturar o enquadre como um modo de adaptar-se ao contexto e, a partir dele, traçar estratégias e rotinas de atuação. A dinamicidade do desastre é posta em relevo na criação de ações clínicas (Morato, 2008), não somente para acompanhar as demandas e solicitações por cuidado psicológico, mas para possibilitar um ancoradouro ao psicólogo diante da situação desagregadora e potencialmente lesiva.

Para tanto, o enquadre clínico deve incluir as atitudes do psicólogo e o conjunto de elementos que definem o contexto e a ação propriamente dita – pensada como estratégia interventiva para a provisão de cuidado. Isto pode ser exemplificado nas ações de Clarice que, ao constatar a frequência com que adolescentes palestinos eram capturados pelas Forças de Israel, passou a priorizar a formação de grupos terapêuticos com jovens.

Elvira, Iara e Lourdes apontaram a importância da flexibilização da atuação a partir da estruturação do enquadre “nas condições que forem possíveis”, como expresso por Lourdes. Essa perspectiva afasta-se de uma prática pautada exclusivamente pelas recomendações dos protocolos, fazendo com que as ações sejam continuamente atualizadas, revistas e modificadas no próprio cotidiano do fazer clínico.

Os desafios abraçados pelos psicólogos em situações extremas fizeram emergir da prática uma concepção de enquadre que se fundamenta num movimento inicial de abertura à compreensão do contexto e das vicissitudes nas quais as pessoas vivem. Esta atitude ganha corpo à medida que singulariza a atenção psicológica a cada contexto. O enquadre possui fronteiras circunscritas a fim de possibilitar a ação, sendo assim compreendido como *delimitado*, e, por outro lado, precisa estar em sintonia e acomodar a especificidade do contexto, portanto, *flexível*. Dessa forma, a atenção psicológica em situações extremas corresponde ao

estabelecimento de uma delimitação flexível, ou seja, de uma práxis com bordas permeáveis no interior da qual reside uma atitude de inclinar-se ao sofrimento do outro. O enquadre assim compreendido repercute e reafirma a própria natureza da atenção psicológica como uma ação em construção, atenta aos elementos do contexto e forjada no próprio acontecer clínico.

d) A prática em situações extremas constitui campo fértil e peculiar de aprendizagem.

Nos encontros com os participantes desta pesquisa, constatou-se que um elemento importante na experiência dos psicólogos que atuam em situações extremas consiste na capacidade de assumir uma atitude de permeabilidade em relação aos contextos. Ou seja, precisam adaptar-se rapidamente às condições de vida que incidem sobre eles e sobre as pessoas vitimadas. Os participantes fizeram poucas referências a teorias já consagradas, tais como teoria do trauma, teoria do luto, transtorno de estresse pós-traumático, *debriefing* psicológico etc., como norteadoras de suas ações. Não que tivessem explicitado rejeição aos arcabouços mencionados, contudo, ao se aprofundarem no acontecer clínico, as teorias não se revelaram significativas em suas experiências.

Como nas palavras de Lourdes: “Desastre não é trauma. Desastre não é luto. Deve-se perceber a singularidade do sofrimento, digo, a particularidade de como a pessoa vive o desastre. Não há pessoas traumatizadas por si”.

Noal (2014) anuncia reflexões pertinentes quando ressalta sua jornada a fim de evitar que saberes técnico-científicos apriorísticos, bem como seus medos e limitações, servissem de “armamento e armadura” (p. 91) à oferta de cuidado. Explicita que um conhecimento engessado e produzido aquém do contexto em que o psicólogo se insere pode fazer com que o cuidado oferecido fique limitado por técnicas pré-definidas e automatizadas, prejudicando a emergência de uma relação intersubjetiva que potencialize o desenvolvimento de uma prática efetiva.

Um elemento primordial da experiência vivida pelos participantes dessa pesquisa a esse respeito é a constatação sobre a impossibilidade de se ter um *setting* estável e bem constituído para exercer a atenção psicológica. A prática vai se constituindo à medida que progride a ação, como afirmaram alguns psicólogos que atuaram nos atendimentos após o Furacão Katrina (Akin-Little & Little, 2008; Levy, 2008). Sendo assim,

a prática constitui o campo de aprendizagem que possibilita adequações e mudanças de rumo. Conforme enunciado por Elvira após a sua estreia no socorro ao desastre aéreo: “esta foi a grande escola”.

Os participantes também contaram como foram pessoalmente afetados e como oscilaram entre a indignação diante de situações degradantes e o esforço para aceitar a realidade que se impunha. Muitas situações narradas descortinam um sentimento de estranhamento face a contextos nos quais o outro precisa ser compreendido de maneira imediata, pois foge às conceituações preestabelecidas que norteiam a ação do psicólogo em condições habituais. Esse fato o desafia a dilatar suas concepções e valores pessoais.

Outra constatação diz respeito à necessidade de se aproximar do outro com atitude de empatia para que a atenção psicológica possa efetivar-se. Conforme significado pelos participantes, experiências de vida muito diferentes podem ser um obstáculo à prática do psicólogo, pois dificultam o desenvolvimento de uma relação intersubjetiva essencial para que se compreenda a perspectiva das pessoas em seus contextos naturais.

Noal (2014) enfatiza esse desafio ao discorrer sobre o processo de se reinventar a Psicologia frente aos desastres. Explicita, contudo, a importância de que o cuidado seja gerado tanto a partir de um conhecimento prévio sobre as construções subjetivas, culturais das populações atendidas quanto com base no conhecimento tácito, singular que se desenvolve no próprio relacionamento cotidiano com as pessoas e com a situação.

Assim, torna-se fundamental o esforço de compreensão e aceitação (Noal, 2014) do outro, sendo imperativo para o estabelecimento da atenção psicológica uma atitude de abertura e flexibilidade (Dass-Brailsford, 2008; Kamps, 2008). Atitude aqui é compreendida como algo que emerge justamente ao se exercer a ação psicológica (Oliveira, 2006), opondo-se ao lugar propiciado pela técnica e associado a uma postura pré-estabelecida (Cautella Junior, 2012).

Atuar em situações extremas é um convite para que o profissional repense suas práticas. Ao se compreender que aquilo que instrumentaliza o psicólogo é fundamentalmente a sua própria experiência, surge a possibilidade de reinvenção da atuação à medida que é praticada (Noal, 2014). O inesperado da situação provoca a suplantação do arsenal teórico gerando novas hipóteses. Lançado ao cerne da adversidade, o psicólogo é convocado a disponibilizar-se com recursos tácitos para oferecer escuta e cuidado.

Ao longo dos encontros com os participantes, uma gama de expressões foram utilizadas por eles para se referirem às imposições e exigências a que se sentiam submetidos. Inúmeros “tem de” eram pronunciados repetidas vezes. “Tem de ser rápido”; “tem de acertar”; “tem de reconhecer seus limites”; “tem de ter jogo de cintura”; “tem de saber o lugar do psicólogo” são exemplos de um conjunto de exigências que recaem sobre o psicólogo e sua atuação. Contudo, esses elementos foram desvelados com serenidade, sem revelar angústia exacerbada. Como se o desafio árduo de atuar naqueles contextos os tivessem transformado de forma a aceitarem tais exigências como se fossem parte do estar naquelas situações, e não como perda de autonomia.

e) Os psicólogos revelaram sentimentos de autorrealização e gratificação em decorrência de sua participação e o desejo por continuar atuando naqueles contextos.

Logo nos primeiros encontros foi possível perceber manifestações de satisfação pessoal, engajamento, plenitude de sentido em função da possibilidade de terem exercido a intervenção psicológica e estes sentimentos foram relatados de maneira recorrente ao longo dos encontros com a pesquisadora. Janete e Lino comunicaram uma sensação de plenitude vivenciada enquanto participavam das equipes em diversas ocasiões. Elvira, Bento e Clarice também discorreram sobre como foram marcados e transformados positivamente em vários níveis. Lourdes revelou ter um certo fascínio em estar participando de ações em desastres.

Tais sentimentos parecem emergir exatamente do fato de serem situações trágicas nas quais a atenção psicológica revela-se urgente e imprescindível.

“Ser sem raízes é fácil! Ficar pelo mundo de missão em missão, de país em país é fácil, é maravilhoso! Você vê seu trabalho ser efetivo, interferindo na vida das pessoas de forma imediata. O difícil é parar.” Ser “sem raízes”, conforme apontado por Lino, parece ser uma metáfora pertinente e recorrente nesse grupo de psicólogos. Revela o desejo de estarem desvinculados de qualquer circunstância pessoal ou profissional que os impeça de partir para a ação em lugares e situações inusitados. Como um cenário tão degradante, com inúmeras dificuldades e elevados riscos pode compor um sentido de realização para aqueles profissionais? Como vivenciar situações de caos, colapso e incerteza e querer viver/atuar nisso diuturnamente?

Os participantes expressaram seu compromisso com a participação nas missões independentemente do fato de terem de recorrer a outras atividades profissionais para garantir o próprio sustento, tampouco manifestaram contrariedade quanto ao fato de não serem devidamente remunerados por aquelas atividades. Sentem-se recompensados pelo sentimento de dever cumprido e de terem contribuído para aliviar os problemas das vítimas, porém, para além disso, expressam uma dimensão de realização pessoal que remete a vencer desafios, extrapolar limites pessoais. Sentem-se confirmados enquanto profissionais e pessoas quando estão em missão.

O estar em missão refere-se a engajar-se em um conjunto de ações relacionadas à prestação de socorro em situações extremas. Uma breve consideração a respeito do termo missão é pertinente a esta análise. Do latim *missionem*, significa a ação de enviar, lançar-se, executar algo a pedido de outrem, dever a cumprir. Todavia, a conotação de missão ressalta dois aspectos importantes para o sentido da atuação do psicólogo. Um relacionado ao que os move — a despeito de realizar algo imbuído por um propósito maior, uma causa — e o outro referente àquilo que precisa ser cumprido, sem medir esforços para lograr resultado. Dessa forma, os significados se entrelaçam ao percebermos como os psicólogos vivenciam a missão para além de questões relacionadas à remuneração, ao excesso de atividades, à gravidade da demanda ou aos riscos.

Os encontros revelaram o quanto aqueles que aguardam o chamado para a atuação são envoltos numa atmosfera de tensão, alertas à possibilidade do acontecer abrupto. Contudo, a espera revela-se estimulante e a atuação, fascinante. Solange metaforizou a espera como o “preparo para a festa”, com a ressalva de que a festa tem de acontecer. Este é um elemento invariante, comentado no item anterior, o desejo e a evidente satisfação percebida nos participantes. O trágico das situações vividas transforma-se em gratificação e sentimento de plenitude, uma declaração sobre a concretização de um encontro consigo mesmo permeado pelo desafio aos próprios limites e de vitória por terem sobrevivido ao caos e exercido a profissão com galhardia.

Conviver intencionalmente com situações que põem em risco a própria vida parece comportar significados paradoxais que confirmam a importância da própria existência. O temor diante da desagregação

extrema, dos limites pessoais, do inesperado da situação parece desempenhar uma facilitação no processo de continuar vivendo. São momentos contraditórios de reafirmação na própria capacidade de superação.

Conforme assegura Le Breton (2007), em artigo que discorre a respeito dos riscos em esportes de aventura, “os riscos assumidos e a exposição pessoal deliberada em circunstâncias difíceis são uma maneira de intensificar o sentimento de existir” (p. 10). Pode-se refletir que ser “sem raízes” revela, portanto, a perda de sentido do cotidiano, revelando necessidade de suplantar aquilo que é familiar e conhecido pela exposição ao inesperado e ao novo. Usar os próprios recursos até o esgotamento, desafiar a própria capacidade e o limite das forças e da coragem permite encontrar legitimidade e sentido para o existir.

Assim, mergulhados no epicentro do extremo, desafiando seus limites, esses profissionais sentem-se necessários. Experimentam um sentimento de satisfação por terem participado de algo inusitado e de terem dado o melhor de si. Os desafios parecem impulsioná-los diante de uma prática que os leva a confrontar-se com os limites humanos. Enfrentar situações extremas é para eles oportunidade para ampliar as próprias capacidades e possibilita transformação pessoal e profissional; percebem-se mais sensíveis, abertos, proativos e flexíveis.

Conclusões

Compreender a atenção psicológica a partir de quem a exerce permite recuperar norteadores importantes para estruturar uma prática que se torna gradualmente presente e necessária em contextos que se caracterizam por um desarranjo das estruturas sociais a partir de rupturas nas formas habituais de vida.

A partir do que foi desvelado pelos participantes, é possível delinear elementos fundamentais da atuação em situações extremas. Radicalmente exposto a diversos graus de ameaça à própria integridade física e psicológica, o psicólogo aprende não só a conviver com o risco, como também a exercer a prática a despeito dele. Preparar-se para enfrentar o imponderável insere-se na rotina do psicólogo como parte do instrumental de trabalho, abalizando a intervenção e exigindo atitude de cuidado constante não somente com o outro, mas consigo mesmo.

Recupera, assim, a essência da Psicologia clínica como um modo de estar à cabeceira do paciente

num estado de atenção e disponibilidade às suas peculiaridades como pessoa inserida em determinado contexto (Morato, 2008). Nesse sentido, aponta novas perspectivas em direção a uma transformação da clínica tradicional: criação de enquadres diferenciados voltados ao favorecimento de um lugar configurado para a provisão de cuidado, a atualização da experiência e a retomada da autonomia pessoal da pessoa assistida.

Os resultados sugerem a necessidade de reflexão sobre a atenção psicológica a partir da complexidade que caracteriza o acontecer clínico em situações extremas. A incipiência de pesquisas na área faz-nos questionar sobre a dificuldade de se construir conhecimento a partir da prática. Acreditamos que um dos motivos dessa situação seja a dificuldade em articular prática e pesquisa na cesura de novas reflexões para a estruturação da atenção psicológica.

As sociedades na atualidade estão expostas a trânsitos emergenciais que parecem constituir-se em fato, e não mais como possibilidade. Como aponta Valencio (2011), a familiaridade com que as situações extremas tomam na vida cotidiana demonstra a fragilidade coletiva do mundo contemporâneo.

A Psicologia precisa empreender um debate acerca da tarefa de cuidar do humano à sombra de acontecimentos disruptivos de grandes proporções – já que envolvem centenas ou milhares de pessoas – e desenvolver pesquisas sobre propostas de intervenção que se revelem eficientes e eficazes em relação às condições que se impõem nesses contextos.

Pudemos apreender o emaranhado de diferentes perspectivas, de linhas de ação e de proposições que, ao serem implantadas, muitas vezes de forma intempestiva, exigem dos psicólogos tomadas de decisão sobre aderir ou arriscar-se individualmente e assumir as consequências, ratificando a urgência por novas pesquisas na área.

Sendo este um campo em construção, revelou-se fecundo para um processo de compreensão de elementos significativos que permeiam a intervenção psicológica em variados e inusitados contextos. Desta forma, oportuniza reflexões importantes acerca da formação do psicólogo para estar apto a responder a demandas emergentes da sociedade e aponta para a necessidade premente de reinvenção da prática e o consequente desenvolvimento de novas hipóteses que norteiem futuras investigações e diretrizes de ação.

Referências

- Akin-Little, A., & Little, S. (2008). Our Katrina experience: providing mental health services in Concordia Parish, Louisiana. *Professional Psychology, Research and Practice*, 39(1), 18-23. <https://doi.org/10.1037/0735-7028.39.1.18>
- Alves, R., Lacerda, M., & Legal, E. (2012). A atuação do psicólogo diante dos desastres naturais: uma revisão. *Psicologia em Estudo*, 17(2), 307-315. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722012000200014>
- Amatuzzi, M. (2007). Experiência: um termo chave para a Psicologia. *Memorandum*, 13, 8-15. Recuperado de <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a13/amatuzzi05.pdf>
- Bowman, S., & Roysircar, G. (2011). Training and practice in trauma, catastrophes and disaster counseling. *The Counseling Psychologist*, 39(8), 1160-1181.
- Cautella Junior, W. (2012). *Do inominável a produção de sentido: o plantão psicológico em hospital geral como utensílio para a metaforização do trágico* (tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Coelho, A. (2011). Percepção de risco no contexto da seca: um estudo exploratório. In Conselho Federal de Psicologia, *Psicologia de emergências e desastres na América Latina: promoção de direitos e construção de estratégias de atuação* (pp. 33-49). Brasília, DF: o autor.
- Dass-Braillford, P. (2008). After the storm: recognition, recovery, and reconstruction. *Professional Psychology: Research and Practice*, 39(1), 24-30. <https://doi.org/10.1037/0735-7028.39.1.24>
- Dupuy, J.-P. (2006). Ainda há catástrofes naturais? *Análise Social*, 61(181), 1181-1193. Recuperado de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aso/n181/n181a12.pdf>
- Everly Jr, G., Hamilton, S. E., Tyiska, C. G., & Ellers, K. (2008). Mental health response to disaster: consensus recommendations: Early Psychological Intervention Subcommittee (EPI), National Volunteer Organizations Active in Disaster (NVOAD). *Aggression and Violent Behavior*, 13(6), 407-412. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2008.05.00410>
- Favero, E.; Sarriera, J. C.; & Trindade, M. C. (2014). O desastre na perspectiva sociológica e psicológica. *Psicologia em Estudo Maringá*, 19(2), 201-209. <https://doi.org/10.1590/1413-737221560003>
- Federal Emergency Management Agency. (2012). *Training materials*. [S.l.]: o autor. Recuperado de <http://www.fema.gov/training-materials>
- Figueira, I. (2004). Tsunami 2004: qual será o impacto dessa tragédia? *Psiquiatria Hoje*, 26(6), 18-22
- Franco, M. (2005). Atendimento psicológico para emergências em aviação: a teoria revista na prática. *Revista de Estudos de Psicologia*, 10(2), 177-180. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000200003>
- Hasket, M., Scott, S., Nears, K., & Grimmett, M. (2008). Lessons from Katrina: disaster mental health service in the Gulf Coast Region. *Professional Psychology: Research and Practice*, 39(1), 93-99. <https://doi.org/10.1037/0735-7028.39.1.93>
- Johnson, S., Sullivan, G., Bongar, B., Miller, L., & Sammons, M. (2011). Psychology in extremis: preventing problems of professional competence in dangerous practice settings. *Professional Psychology: Research and Practice*, 42(1), 94-104. <https://doi.org/10.1037/a0022365>
- Kamps, J. (2008). Reflections on Hurricane Katrina and its impact: one psychologist's experience. *Professional Psychology: Research and Practice*, 39(1), 7-11. <https://doi.org/10.1037/0735-7028.39.1.7>
- Kling, T. (2002). *Exit row: the true story of an emergency volunteer, a miraculous survivor and the crash of Flight 965*. Illion: Sourcebooks.
- Krum, F. (2007). *O impacto e as estratégias de coping de indivíduos em comunidades afetadas por desastres naturais* (dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Le Breton, D. (2007). Aqueles que vão para o mar: o risco e o mar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 28(3), 9-19.
- Levy, M. (2008). The impact of Katrina. *Professional Psychology: Research and Practice*, 39(1), 31-36. <https://doi.org/10.1037/0735-7028.39.1.31>
- McGuinness, K., Coady, J., Perez, J., Williams, N., McIntyre, D., & Schreiber, M. (2008). Public mental health: the role of population-based and macrosystems interventions in the wake of hurricane Katrina. *Professional Psychology: Research and Practice*, 39(1), 58-65. <https://doi.org/10.1037/0735-7028.39.1.58>

- Marín, C., & López-López, W. (2010). Atención psicológica postdesastres: más que un “Guarda la Calma”: una revisión de los modelos de las estrategias de intervención. *Revista Terapias psicológica*, 28(2), 155-160. <https://doi.org/10.4067/S0718-48082010000200003>
- Morato, H. (2008). Prática psicológica em instituições: ação política. In *Anais do 8o Simpósio Nacional Prática Psicológica em Instituição - Atenção Psicológica: experiência, intervenção e pesquisa* (1-19). São Paulo, SP.
- Noal, D. (2014). *O humano do desastre: a invenção da escrita como cuidado de si em contextos de desastres naturais e humanos* (dissertação de mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- O’Hara, M. (1983). A consciência do terapeuta. In C. Rogers, J. Wood, M. O’Hara, & A. Fonseca, *Em busca de vida* (pp. 97-102). São Paulo, SP: Summus.
- Oliveira, M. (2006). *Clínica, experiência e sentido* (dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Quarantelli, E. L. (1998). *What is a disaster? Perspectives on the question*. London: Routledge.
- Ritchie, E., Watson, P, & Friedman, M. (2006). *Interventions following mass violence and disasters: strategies for mental health practice*. New York, NY: The Guilford Press.
- Rosser, B. (2008). Working as a psychologist in the medical reserve corps: providing emergency mental health relief services in Hurricanes Katrina and Rita. *Professional Psychology: Research and Practice*, 39(1), 37-44. <https://doi.org/10.1037/0735-7028.39.1.37>
- Ruzek, J., Brymer, M., Jacobs, A., Vernberg, E., & Watson, P. (2007). Psychological first aid. *Journal of Mental Health Counseling*, 29(1), 17-49.
- Saakvitne, K. (2006). Foreword. In L. Barbanel, & R. J. Sternberg (Orgs.), *Psychological interventions in time of crisis*. New York, NY: Springer.
- Silva, T. L. G., Mello, P. G., Silveira, K. L. A., Wolffenbüttel, L., Lobo, B. O. M., Bicca, C. H. M. et al. (2013). Primeiros socorros psicológicos: relato de intervenção em crise em Santa Maria. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 15(1): 203-214.
- Spink, M. J. P. (2014). Viver em áreas de risco: tensões entre gestão de desastres ambientais e os sentidos de risco no cotidiano. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(9):3743-3754. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014199.01182014>
- Thormar, S., Gersons, B., Juen, B., Marschang, A., Djakababa, M., & Olff, M. (2010). The mental health impact of volunteering in a disaster setting: a review. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 198(8), 529-538. <https://doi.org/10.1097/NMD.0b013e3181e1fa9>
- Valencio, N. (2011). A sociologia dos desastres: perspectivas para uma sociedade de Direitos. In Conselho Federal de Psicologia, *Psicologia de emergências e desastres na América Latina: promoção de direitos e construção de estratégias de atuação*. Brasília, DF: CFP.
- Vogel, E. H., & Vera-Villaroel, P. (2010). Psychology and natural disasters: earthquake and tsunami in Chile on February 27, 2010. *Ter Psicol*, 28(2), 143-145. <https://doi.org/10.4067/S0718-48082010000200001>
- Watson, P, Brymer, M., & Bonanno, G. (2011). Postdisaster Psychological Intervention Since 9/11. *American Psychologist*, 66(6), 482-94. <https://doi.org/10.1037/a0024806>
- Weintraub, A. (2011). Psychological work in humanitarian emergencies in Haiti and Democratic Republic of Congo: some considerations based on two work experiences. *Saúde & Sociedade*, 20(3), 811-820. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902011000300023>
- Witteveen, A., Bisson, J., Ajdukovic, D., Arnberg, F., Johannesson, K., Bolding, H. et al. (2012). Post-disaster psychosocial services across Europe: The TENTS Project. *Social Science & Medicine*, 75(9), 1708-1714. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2012.06.017>
- Yutzenka, B., & Naifeh, J. (2008). Traumatic stress, disaster psychology, and graduate education: reflections on the special section and recommendations for professional psychology training. *Training and Education in Psychology*, 2(2), 96-102. <https://doi.org/10.1037/1931-3918.2.2.96>

Ticiana Paiva Vasconcelos

Doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas – SP, Brasil.

E-mail: ticianapaiva@gmail.com

Vera Engler Cury

Professora do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas – SP, Brasil.

E-mail: vengler@puc-campinas.edu.br

Endereço para envio de correspondência:

Centro Universitário Salesiano São Paulo, Maria Auxiliadora - Americana.

Avenida de Cillo - de 3041/3042. Parque Novo Mundo. CEP: 13467-600. Americana – SP, Brasil

Recebido 16/08/2015

Reformulação 11/01/2016

Aprovado 10/02/2017

Received 08/16/2015

Reformulated 01/11/2016

Approved 02/10/2017

Recebido 16/08/2015

Reformulado 11/01/2016

Aceptado 10/02/2017

Como citar: Vasconcelos, T. P., & Cury, V. E. (2017). Atenção psicológica em situações extremas: compreendendo a experiência de Psicólogos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(2), 475-488. <https://doi.org/10.1590/1982-370302562015>

How to cite: Vasconcelos, T. P., & Cury, V. E. (2017). Psychological care in extreme situations: understanding the Psychologists experience. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(2), 475-488. <https://doi.org/10.1590/1982-370302562015>

Cómo citar: Vasconcelos, T. P., & Cury, V. E. (2017). Atención psicológica en situaciones extremas: comprendiendo la experiencia de Psicólogos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(2), 475-488. <https://doi.org/10.1590/1982-370302562015>